

II Semana Nacional Missionária
Agosto 1963
Coimbra



CONCÍLIO ECUMÉNICO E JUVENTUDE DA IGREJA

por Maria de Lourdes Pintasilgo

I. Juventude dos homens e Juventude da Igreja.

Recentemente a Imprensa relatava o fenómeno sem precedentes ocorrido em Paris, na Place des Nations: 150.000 jovens de todos os bairros da cidade, reunidos para ouvirem Johnny Hollyday. Sobre o facto, que teve repercussões de grande acontecimento, com automóveis danificados, árvores destruídas, etc., foram ouvidos sociólogos, educadores, teólogos...

Para uns, o facto não teria outro significado senão o de reflectir o desejo que a juventude sempre manifesta de encontrar alguma coisa que lhe dê a unificação interior que lhe é indispensável. Uma inquietação latente, diagnosticável nos jovens de qualquer época, como resultado de uma ainda imprecisa inserção no mundo e na sua realidade viva, estaria na base de tal facto.

Outros, porém, viram nele um acontecimento novo também no seu significado profundo, pondo em relevo que a colectivização da juventude a leva a tornar-se em nossos dias uma força motora dos comportamentos sociais, ultrapassando as próprias fronteiras da juventude para informar toda a ambiência da vida humana. (1)

Nestas duas posições, encontramos os dois ângulos pelos quais podemos encarar o conceito de "juventude" no nosso tempo.

Por um lado, o que poderíamos chamar um conceito tradicional ou, melhor, intemporal - aqueles valores e aquela atitude que serão sempre em qualquer tempo e lugar, característicos da juventude.

Por outro lado, aquelas notas bem actuais da juventude de hoje, inéditas na história e que também em breve serão ultrapassadas por novas correntes.

Correndo embora um pouco o risco de dizer lugares comuns, por exigência lógica do que direi a seguir, vou enunciar muito rapidamente alguns dos traços contidos nestas duas formas de encarar a juventude.

Nos homens, nas coisas e nas instituições, a juventude é universalmente reconhecida como sendo o mundo das possibilidades, presença de um futuro ainda amplo na imprecisão da forma, apelo a uma realização

mais completa na maturidade - a juventude é em si mesma uma promessa de fecundidade.

É também em virtude dessa mesma promessa, a vida em ascensão, dificilmente contida nos limites do espaço e do tempo, é um esboço para a unificação total do ser no domínio das suas virtudes e situações - é o jogo de forças desencontradas em que se processa todo um dinamismo de crescimento.

Sendo a situação fundamental do homem a de ser-no-mundo, é na ligação ao mundo que se exprimirá, em grande parte, o turbilhão das forças presentes na juventude. Assim podemos encontrar o desejo de comunhão intensa com o mundo e uma necessidade apaixonada, veemente, de inserção na realidade do mundo, conduzindo a um desejo e a um ideal de construção do mundo novo.

A análise das características da juventude no nosso tempo xxx acrescentará ainda alguns traços relevantes a estas notas gerais.

Um livro recente que estuda os jovens (1) e até esquematiza estas características. Em 1º lugar a "abertura a perspectivas ilimitadas

A janela aberta sobre o infinito de todos os jovens não oferece hoje apenas a paisagem limitada dos vales da aldeia ou da rua de bairro - é o universo inteiro, com seus costumes diversos, com suas viagens espaciais, com sua complexidade imensa de rotas e destinos que entra na alma dos jovens. Falar de juventude é, assim, necessariamente no nosso tempo, falar de abertura ao mundo, de desejo ainda que desorientado de entrar na evolução de um mundo-em-marcha.

Esta abertura ao mundo conduz a juventude de hoje a uma visão realista da vida. Não a satisfazem já as coisas acidentais que disfarçam a realidade profunda; quer um enraizamento no mundo em que lhe seja restituído o sentido original das coisas. Procura ainda que veladamente o primado do essencial.

Nesta procura, guia-a um critério de autenticidade, de verdade, de sinceridade, de uma profunda dimensão humana. A juventude quer um diálogo que a tome inteira, um sentido cada vez mais intenso da pessoa. A juventude que nunca procurou coisas mortas, hoje não aceita sequer conceitos, mesmo que sejam vivos - só o que fôr profundamente pessoal a pode satisfazer.

Esta breve enumeração conduz-nos ao limiar do nosso tema. E naturalmente, algumas perguntas prévias poderão formular-se:

- Terá sentido aplicarmos o conceito de "juventude" à Igreja?
- Não estaremos nós ao falarmos de "juventude-da-Igreja" a transpormos para a vida eclesial o desejo de juventude que marca o nosso tempo?
- Mais concretamente: não estaremos nós a usar uma simples analogia ou comparação ou imagem de que podemos tirar conclusões interessantes que, no entanto, por nascerem dessa forma, não têm a força de realidades vitais, dizendo respeito ao ser mesmo da Igreja?
- Ou, pelo contrário, estamos nós perante uma verdade ou um conjunto de verdades de sólida base teológica que importa conhecer e aprofundar?

(1) Babin, Los jovens y la fe, 1962, Helder, Barcelona, pp. 130 sgs.

A Igreja é a Esposa de Cristo. A aliança feita com Abraão, com a promessa da fecundidade, vai retomar, com o profeta Oseias, a forma de união nupcial. A humanidade aparece pouco a pouco, no plano redentor de Deus como aquela figura feminina que o Senhor escolhe para dela fazer sua Esposa. (1) O tema que Ezequiel vai aprofundar será no Novo Testamento, explicitamente retomado por Paulo na Ep. aos Efésios 5, 32 quando ~~rix~~ compara a a união do homem e da mulher no casamento à união de Cristo com a sua Igreja e na segunda Ep. aos Coríntios quando exprime a sua solicitude de ministro de Cristo dizendo que desposou a Igreja de Corinto como a uma virgem pura para a apresentar a um único esposo, a Cristo. Será S. João que dará ao tema a sua plenitude ao descrever o encontro final de Cristo com a humanidade redimida, a Jerusalém que descerá do Céu preparada como uma Esposa para o Esposo.

Ao longo de todo o desenvolvimento do tema encontram-se algumas das expressões de maior beleza de toda a Bíblia. A Esposa que Deus se prepara em Israel traz nela na sua juventude, a promessa da fecundidade futura. É descrita no salmo 44, em termos de beleza única, vestido de um manto de mil côres... Será ela que no capítulo 12 do Ap. aparecerá como a mulher vestida de sol gerando para a glória a plenitude dos tempos messiânicos... Será ela que chegada essa plenitude dos tempos, será a nossa Mãe do alto... (Gal. 4, 26)

A Igreja é também um Corpo, o Corpo que Cristo se vai lentamente formando ao longo das vicissitudes da história de Israel. Esta realidade do Corpo Místico de Cristo não aparece com a mesma clareza que o tema das núpcias no Antigo Testamento.

Acentuou o P. Congar a relação estreita entre a unidade do Corpo tal como Paulo no-la revela e certas ideias-força, base da esperança messiânica de Israel: "o Messias e a sua comunidade, o Rei e os súbditos que Ele representa, o Filho do Homem e os Santos do Altíssimo, Israel e o Servidor de Yahvé".

A esperança de Israel que começara por vagamente se desenrolar personifica-se pouco e pouco mas nessa Pessoa que se vai revelando é já um Povo que está presente, ligado de forma misteriosa por toda a eternidade.

É, no entanto, S. Paulo que dá a esta unidade do Messias com o seu Povo, o conteúdo teológico preciso do Corpo Místico (2). Cristo é no Corpo a Cabeça - todos os homens são, pela adopção divina, chamados a ser parte desse corpo e, pelos carismas próprios que receberão, serão membros individualizados e únicos.

Não é porém o Corpo de Cristo "dado" pelo Espírito de forma acabada. É certo que o seu princípio activo, o próprio Cristo, está presente no meio de nós, pela celebração do Mistério da Sua Morte e Ressurreição. Mas o Corpo de Cristo, na sua condição histórica presente, é um corpo em formação.

(1) Bouyer, L. Le trône de la Sagesse, Ed. du Cerf, 1958.

(2) Cerfaux, Le Corps du Christ, in Théologie de l'Église selon St. Paul



Caracteriza-o um dinamismo de crescimento que só terminará no fim dos tempos. A descrição do Corpo e de sua perfeita harmonia pela diversidade de dons e de ministérios, feita por Paulo em I Cor. 12,12-30, vem acrescentar-se a visão histórica e escatológica do Corpo que atinge a idade madura, em Ef. 4, 11-13: "Foi Cristo que concedeu a uns serem apóstolos e outros profetas, ou ainda Evangelistas, ou então pastores e doutores, organizando assim os Santos para a obra do ministério, em ordem à construção do Corpo de Cristo, no termo do qual devemos chegar, todos juntos, a não fazer senão um só na fé e no conhecimento do Filho de Deus, e a constituir o Homem perfeito, na força da maturidade, que realiza a plenitude de Cristo".

O Corpo de Cristo caminha para a maturidade durante o tempo. A história do povo de Deus, da Sua Igreja, é, ao mesmo tempo, a história de um Corpo sujeito à dinâmica do seu crescimento, com suas lutas, seus aparentes paradoxos, seu desejo de maturidade complexa. Podemos dizer que enquanto não atingir a estatura do Homem perfeito - quer dizer, enquanto não chegar o momento em que a obra da história estará consumada - o Corpo de Cristo viverá na dinâmica da sua própria juventude.

A Igreja de Cristo é também a cidade de Deus, a Jerusalém Celeste, o Templo Santo do Senhor. E também aqui, no processo histórico em que se edifica a Cidade de Deus, um traço de juventude se revela.

Falamos da juventude como tendo em si mesma um germen de transformação do mundo, uma possibilidade de compromisso na acção, uma potencialidade de construção.

Como se revelam estes traços na Cidade de Deus?

Israel que no início da sua história temera as construções humanas, não só começa a construir quando chega à Terra Prometida como, após a destruição de Jerusalém, põe na sua reconstrução todo o seu dinamismo (1) de povo cuja história não atingiu ainda o seu pleno significado.

O conceito é a palavra "reconstruir" - tomam por isso mesmo, um conteúdo carregado de todo o ideal messiânico de restauração". É o que explica Tiago, no 1º Concílio de Jerusalém, quando mostra a universalidade da Redenção usando as palavras do profeta Amós: (Am. 9,13) "Depois eu voltarei e erguerei a tenda de David que tinha caído, levantarei as suas minas e construí-la-ei de novo, para que o resto dos homens procurem o Senhor bem como todas as nações que foram consagradas ao meu Nome - diz o Senhor que faz conhecer estas coisas desde há séculos" (Act. 15, 13-18)

A construção do Templo de Deus ou a reconstrução da Cidade Santa (Santa porque aí se encontra o Templo) são preocupação dominante do povo de Deus, de tal maneira que mesmo um Salmo penitencial, como o Sl. 50 termina por um versículo pedindo a Yahvé a reconstrução da Cidade Santa: "Na tua misericórdia, faz bem a São; reconstruirás Jerusalém dentro das suas muralhas". (Sl. 50, 20)

É o Novo Testamento que dará à cidade santa todo o seu sentido espiritual. Nessa cidade, Cristo será a pedra angular que os constru-

(1) Ficher bibliog., C.6, Edifício de Dieu

Na Igreja que prepara e antecipa já as promessas escatológicas, a juventude só será como termo a maturidade, a plenitude do tempo - ela será o caminho para as riquezas que não envelhecem, para aquele dia, em que Jerusalém descerá do céu e em que a iluminará a chama viva do Cordeiro.

A juventude da Igreja - comunhão traduz assim, o dinamismo da presença já operante das realidades escatológicas na vida de uma Igreja ainda pertencente à História.



A Igreja "instituição" - uma Igreja em renovação

A juventude da Igreja - instituição dos meios de salvação implica uma distinção importante e clássica.

A Igreja como instituição distingue-se de qualquer outra instituição humana pela sua origem divina. Os meios de salvação são os meios instituídos pelo próprio Cristo. Neste sentido a Igreja-instituição é dada aos homens, acabada, perfeita em si mesma. É assim anterior aos homens precedendo-os e à sua comunhão. Por isso ela é verdadeiramente Mãe, porque só ela es gera para essa vida de comunhão.

Mas a Igreja é também uma instituição do tempo, a fazer pelos homens, a transformar, a modelar, sempre na fidelidade ao Espírito que mostra as exigências de cada momento.

É em relação a este segundo aspecto que podemos falar em juventude da Igreja, o que equivalerá a dizer atualização das formas, revitalização dos conceitos, renovação da vida e da estrutura. Diremos de qualquer instituição que é jovem quando - e uso de novo as palavras de Congar⁽¹⁾ - quando "a sua mensagem essencial se transmitir em toda a pureza sem ser atraída pela forma, quando os elementos concretos de estruturação e organização tiverem ainda toda a sua maleabilidade e, longe de tudo reduzirem a um quadro rígido estiverem ainda infinitamente disponíveis à acção do Espírito e das circunstâncias."

Porque se tem sempre presente a dualidade de uma Igreja feita e a fazer, é que a renovação será sempre fidelidade.

(Vale a pena notar entre parêntesis que no entendimento da Igreja-instituição se situa uma das divergências fundamentais entre o catolicismo e o protestantismo. Enquanto no catolicismo a Igreja é anterior aos cristãos, no protestantismo são literalmente os cristãos que fazem a Igreja. Para o catolicismo a renovação tem sempre uma referência segura - o que é dado pela Escritura e pela Tradição segundo a interpretação do Magistério. Há sempre uma prudência serena na renovação católica. Para o protestantismo a renovação tem-se a si própria por critério. Assim se explicaria, em parte, a proliferação das seitas protestantes.)

(1) CONGAR, J.-M., in Les voies du Dieu vivant, "La jeunesse de l'âme"

Habitua-dos como estamos a considerar sobretudo a Igreja sob este ângulo, não nos será difícil definir em que consistirá a juventude da Igreja-instituição.

Falar da juventude da Igreja equivalerá a pôr algumas questões fundamentais:

— formulará a Igreja a sua doutrina em termos deste tempo, usará expressões de vida em toda a pujança de um Corpo - o Corpo de Cristo - que cresce para a sua maturidade?

— Na sua obra maior, na geração para a vida da graça, usará a Igreja os meios mais adaptados? Terá a Igreja a coragem de sacudir a poeira do tempo e desenterrar as coisas novas que há no seu tesouro?

— Terá a Igreja a atitude jovem de não se prender ao acidental e de apenas procurar e irradiar o essencial, i. e., pregar Cristo e Cristo Crucificado?

Na Igreja-instituição em que a juventude se perdeu, o mistério sagrado torna-se espectáculo em que se não participa, a comunidade torna-se um clan, a caridade estereotipa-se em formas despersonalizadas.

Na Igreja de que o espírito jovem está ausente, há apenas a habitação à rotina fácil, o argumento de que sempre se fêz assim... Pensa-se então que nada deve ser mudado porque se teme que se abalem as convicções ou se modifiquem os quadros de vida. Perde-se pouco a pouco a noção do essencial, perdido na roupagem que as traças vão roendo...

Fundação Cuidar o Futuro

III O Concílio, manifestação da juventude da Igreja.



Na história da Igreja do nosso tempo, o Concílio Ecuménico surge, desde o seu início, intimamente ligado à juventude da Igreja, como reclamando-a pela sua própria existência.

Um monge ortodoxo, fazia após a 1.^a sessão do Concílio o que ele chamou de "sintaxe" do Concílio, i. e., a análise das expressões que João XIII usou para o definir. Sem precisar de muito procurar logo encontrou no 1.^o anúncio o objectivo do Concílio como sendo a renovação e o rejuvenescimento da Igreja; na bula Humanae Salutis, a referência às enormes tarefas da Igreja no limiar de uma ordem nova das coisas, e, como sintetizando tudo, a explicação do modo como lhe surgiu a ideia do Concílio dada pelo próprio Papa João XIII - "flor espontânea de primavera inesperada..."

Esta definição poderia talvez exprimir o que sentiram todos os Católicos durante a 1.^a sessão do Concílio. Houve como que uma revelação da Igreja na sua realidade mais profunda e mais total. Não admira que o mesmo monge se referísse ao Concílio como uma verdadeira Eclesiofania.

O Concílio Ecuménico é na verdade uma manifestação da Igreja na juventude de comunhão, na fecundidade da Esposa, no crescimento do Corpo, na construção da Cidade Santa.

O termo que João XIII gostava de usar para explicar o que o

Concílio devia provocar na Igreja era a palavra "aggiornamento". E muito se escreveu sobre o duplo sentido da palavra - não só pôr-em-dia, modernizar, actualizar, mas também trazer à luz do dia, revelar, manifestar.

Ao mundo foi revelada uma Igreja que não parou nem na sua reflexão interna, nem na sua expansão, numa Igreja que é toda ela dominada por uma dinâmica de escatologia, um desejo único e sem mistura de que o Reino de Deus venha. Aqui e além, a imprensa, alheia às grandes questões que preocupam a Igreja e ao seu sentido último, falou de correntes opostas, mas na verdade, nunca o Espírito encontrou meio tão cristalino para se revelar Espírito de amor e de unidade...

Quem ao ver desfilar os 2.800 padres conciliares, de todos os continentes e tiver na memória os números dos últimos concílios (só Europeus no Concílio de Trento, nenhum africano nem asiático no Concílio Vaticano I) quem não perceberá crescimento do Corpo de Cristo? Crescimento que não pode ver-se em dias ou anos mas que precisa de séculos para lhe podermos perceber em termos significativos, o movimento.

no crescimento para a unidade

Nesta manifestação da juventude da Igreja toma forma e importância primordial a primeira nota da Igreja.

A unidade que fora definida como o fim último do Concílio passou gradualmente para o primeiro plano, tornando-se o critério aferidor de todas as decisões conciliares e preocupação essencial da Igreja. Viu-se até o facto curioso de todas as questões que não obtinham o acordo da maioria dos Padres conciliares baixarem quase automaticamente ao Secretariado para a União dos Cristãos.

Não me vou alongar sobre os factos que todos conhecemos; a presença dos observadores protestantes e ortodoxos ao Concílio, as visitas oficiais e privadas que se lhe seguiram, a presença de católicos na celebração do milénario do Monte Athos na Grécia, (o grande centro de vida monástica do mundo ortodoxo), a presença de Mgr. Charrière, Bispo de Lausana, Genebra e Friburgo (um dos pioneiros do movimento ecuménico na Igreja Católica) na comemoração das bodas de ouro sacerdotais do patriarca de Moscovo... E a propósito deste último acontecimento não faltará quem lhe atribua um significado político. No entanto para quem conheça um pouco da história da Igreja, o significado político, que certamente existe, não é senão um pequeno facto ao lado do significado religioso. Como notou o próprio Bispo de Genebra em entrevista concedida a "La Croix": "foi a primeira vez, desde há mil anos, que um Bispo católico foi oficialmente recebido pelo patriarca de Moscovo." (1) E o Bispo de Genebra conta, em termos verdadeiramente humanos, como o impressionou o fervor cristãos russos que o rodeavam de todos os lados, acotovelando-se nas ruas, pedindo a sua bênção de enviado do Papa...

Quem ousaria pensar em tais factos, não digo há 50 anos, nem há 10 mas há um ano atrás?

(1) Doc. Cath., 4 Aout 63, 1949



Poderia al ngar-me quassá indefinidamente em factos que só por si valeriam uma profunda meditação. Limitar-me-ia a citar dois dentre eles. Um, a campanha lançada pela comunidade protestante de Taizé, em França, para obter meios de ajudar um Bispo católico do Nordeste do Brasil, a tornar eficaz o seu plano de reforma agrária - distribuidas as terras da Igreja pelas famílias dos que nada possuem, é preciso agora construir casas, comprar equipamento. E é uma comunidade protestante que lança a operação esepança entre católicos, protestantes, ortodoxos, judeus, para conseguir o dinheiro necessário. Outro facto, recente, - a unidade de todos os chefes religiosos dos Estados Unidos perante o facto bem concreto da injustiça racial. A marcha sobre Washington, ocorrida na 4.ª feira em que participaram 200.000 pessoas de todas as religiões não é só um documento p pela dignidade do homem - marca uma etapa inédita no encontro das diferentes confissões cristãs na América da Norte.

Um movimento de irresistível unidade percorre o mundo cristão e esse movimento, embora possa ainda ser retardado, momentâneamente comprometido, é um movimento irreversível.

Vêm-nos aos lábios as palavras com que o poeta Claudel, na sua oratória "Jeanne d'Arc au Bûcher" exprime essa perseverante e indomável acção do Espírito Santo a conduzir o mundo é os homens: "Celui qui voudrait empêcher les mirabelliers de fleurir il faudrait qu'il soit bien malin!" "Celui qui voudrait empêcher les cerisiers de ceriser tellement que tout est plein de bonnes cerises, mon père dit qu'il faudrait qu'il se lève maxtin de bonne heure!" Não "on ne peut pas empêcher les mirabelliers de fleurir" !

Final a mesma ideia o P. Congar, teólogo e não poeta, só consegue exprimir em termos não menos poéticos: "Quando começa a primavera há ainda, de quando em vez, um dia frio, e até acontece como foi o caso este ano, que o inverno parece não mais terminar. No entanto, a primavera começou realmente, o sol sobe mais alto no horizonte, uma nova estação vai desabrochar." (1)

O movimento irrecusável para a unidade exprime assim, em termos inteligíveis à nossa sensibilidade humana, aquele crescimento do Corpo de Cristo de que fala S: Paulo.

no revigoramento do Povo de Deus

De outra forma se manifestou ainda esse crescimento do Corpo de Cristo - refiro-me à consciência de Povo de Deus, que o Concílio veio revelar.

Durante mais de um século toda a doutrina da Igreja emanara do Papa, repercutindo-se depois, como um eco, a todas as escalas da vida católica. (2) (É certo que cada a novidade e importância de algumas das orientações dadas, foi necessário à Igreja esse período - pensemos nas encíclicas sociais ou nas encíclicas missionárias). Que voz tinha o Povo de Deus no seu conjunto?

Hoje, o poder supremo, de ensino e legislação é exercido no Concílio Ecuménico pelo conjunto de todos os Bispos em união com o Papa e

(1) Inf, Cath., 15-6-63, 3

(2) ICI, 15-6-63, 4, Congar.



sob a sua suprema ratificação.



Dois aspectos importantes estão contidos nesta participação dos Bispos no governo e ensino da Igreja.

Um diz respeito ao laço existente entre todos os Bispos, é uma das linhas-de-força do pensamento gerado pelo Concílio, o significado da colegialidade episcopal. Como o P. Henry aqui acentuou, a colegialidade episcopal exprime a responsabilidade de todos os Bispos, comunitariamente, pelo mundo todo.

Aliás João XIII disse-o claramente na sua carta aos Bispos do mundo inteiro, em Janeiro deste ano:

"Permanecer fiel à pureza da doutrina católica segundo o ensino do Evangelho, da Tradição, dos Padres da Igreja e dos Pontífices é certamente uma grande graça, um título de mérito e de honra. Mas tudo isso não chega para realizar totalmente o preceito do Senhor quando disse: "Ide e ensinai todas as nações" (Mt. 28,19) ou ainda nesta passagem do Ant. Test. : O Senhor confiou a cada um o cuidado do próximo." (Ecl. 17-12).

O que equivale a dizer que cada Bispo não tem apenas sobre os ombros o cuidado pastoral da sua diocese, mas tem na verdade, o "cuidado de todas as Igrejas." Assistiremos então com certeza a uma melhor distribuição dos esforços de evangelização, ganharemos mesmo nos actos simples da Diocese ou da paróquia, a dimensão do universal, do mundial que é sinal distintivo da catholicidade da Igreja.

Tal conceito de colegialidade, aliás na mais pura linha da tradição, implica também, em certo sentido a presença do colégio episcopal na pessoa de cada Bispo perante os seus diocesanos.

Não nasceu a ideia da colegialidade súbitamente no Concílio. Foi, em grande parte já preparado por factos bem concretos - em especial a instituição de Conferências do Episcopado em determinados países e principalmente a instituição do CELAM = a Conferência Episcopal Latino-Americana, que desde a sua formação tem gradualmente experimentado as consequências concretas da colegialidade : estudo da vida interna da Igreja com muitos mais recursos do que aqueles de que poderia dispor um só país, diagnóstico das necessidades comuns à mesma região, planificação do trabalho de evangelização à escala regional, estímulo mútuo na resolução de problemas semelhantes em contextos idênticos... Foi, em parte, por esta experiência da América Latina, que foi possível na 1.ª sessão ver desenrolarem-se algumas das formas possíveis dessa colegialidade, quando como aconteceu algumas vezes, um Bispo de África falou em nome de todos os Bispos do seu continente ou quando o Cardeal Liénart falou em nome dos Bispos franceses e alemães...

Estamos perante um Povo, garantido e fortalecido pela unidade dos seus pastores - unidade entendida não só de forma abstrata, conceptual mas a unidade que resulta de uma tomada de consciência comum em relação ao mundo a evangelizar e de uma resposta concertada às necessidades desse mundo.

O Concílio revelou, porém o Povo de Deus, ainda de outra forma, menos perceptível talvez, mas não menos real. Os Padres conciliares não estão em concílio apenas na sua singularidade pessoal - trazem consigo todo o povo, não no sentido de representatividade democrática, é evidente, mas no sentido de que trazem consigo as interrogações, as experiências, as

as aspirações, as linhas de procura de toda a comunidade cristã. Por isso muitos Padres conciliares, se fizeram acompanhar dos seus teólogos. Por isso, em algumas dioceses, as Bispos convocaram os seus diocesanos mais directamente comprometidos na obra de evangelização da Igreja - sem dúvida o caso de maior repercussões foi o do Cardeal Léger, da diocese de Québec que teve conversações regulares com leigos e sacerdotes, com eles preparando os temas a estudar no Concílio. Aliás, o trabalho das Comissões pré-conciliares, bem como o trabalho das Comissões que funcionaram entre as duas sessões foi, em muitos casos, alicerçado não só na contribuição dos teólogos, mas também na contribuição dos leigos envolvidos nas ~~mais~~ complexas e novas situações do mundo moderno.

Progressivamente, assistimos assim nos últimos meses, a uma passagem de uma Igreja demasiado centralizada a uma Igreja onde têm voz as publicações, os congressos, os movimentos que se multiplicam e ganham forma no mundo inteiro - o governo central da Igreja ter-se-ia transformado gradualmente como acentua o P. Congar, de grande bloco administrativo da Cúria romana em "paróquia do vasto mundo"...

E foi a visão desta paróquia do vasto mundo que surgiu no Concílio. Usando as palavras cheias de entusiasmo do Cardeal Montini aos seus diocesanos na sua primeira carta antes do Concílio: "Nós vimos a Igreja!" Nunca imagem maior e mais significativa da Igreja visível aparece a nossos olhos. Lembramo-nos, para conforto da nossa fé e apoio da nossa sensibilidade humana das palavras do Senhor: "Felizes os olhos que vêm o que nós vimos!" E isto não significando só o quadro exterior, mas sobretudo o aspecto sensível de realidades imensas e profundíssimas. Nós vimos a Igreja! Como diz numa antiga inscrição oriental o peregrino que chega a Roma: "fui enviado a Roma para ver a rainha vestida com um manto de ouro e um povo marcado com um selo luminoso..." Sim, é verdade, os nossos olhos a nossa alma, enchem-se da visão sensível de realidades sobrenaturais: nós vimos a Igreja."

na inserção no mundo

O Concílio é ainda manifestação da juventude da Igreja no seu irreprimível desejo de presença no mundo e de transformação desse mundo.

De todos os lados, se escreve sobre a referência da Igreja aos homens do nosso tempo e às grandes questões que os preocupam.

Creio poder distinguir três aspectos fundamentais dessa presença no mundo:

O primeiro diz respeito ao diálogo da Igreja com o mundo científico ou de forma mais ampla, com o que costuma chamar-se civilização técnica. A diferentes níveis esse diálogo vai-se processando, desde a vida quotidiana daqueles que são sujeitos dessa civilização até ao trabalho de investigação e estudo proseguido isoladamente ou em grupos de cientistas. Tal é o caso de reuniões frequentes do Centre des Intellectuels Catholiques Français ou de um grupo de Filosofia das Ciências existentes em Inglaterra ou das reuniões que começaram a realizar-se o ano passado entre teólogos e cientistas para estudo do pensamento de Teilhard de Chardin.

Estamos sem dúvida longe ainda de uma síntese, mas a Igreja hoje não tem perante o mundo da ciência nem atitude de condenação nem de



de defesa. E quando vemos defenirem-se as linhas de pensamento que não-de contribuir para essa síntese de um Urs von Balthazar, de um Dubak ou de um P. Chenu, sentimos que é com serenidade que a Igreja estabelece hoje esse diálogo.

O segundo aspecto diz respeito ao cuidado imenso da Igreja por todas as necessidades dos homens, na sua vida material e social.

Pela primeira vez na história da Igreja está preocupada com o bem estar dos homens a uma escala mundial. É certo que durante séculos coube à Igreja a tarefa de minorar os males dos homens e que ela tinha praticamente a seu cargo as instituições onde se difundia a cultura e onde se praticavam as obras de misericórdia. Mas enquanto a Igreja universal, não vemos a Igreja nos concílios anteriores preocupar-se com os problemas concretos do homem. Era a sua própria definição que estava em causa, quando não as condições básicas da sua existência livre na cidade dos homens. Mas hoje, a Igreja sai do seu círculo de vida intensa e abre-se aos problemas do homem que tomam hoje também uma amplitude mundial.

Problemas da fome e da justiça social, do racismo e da paz, do livre acesso à cultura, são problemas à escala mundial.

O Concílio na magnífica declaração de todos os Padres ao mundo inteiro, teve logo no seu primeiro acto a decisão de marcar esse novo rumo. E esse espírito encontrou a sua expressão mais acabada no convite formal de João XXIII a todos os católicos de participarem em todas as organizações que, no respeito da pessoa humana, procuram a paz. A Igreja não defende só os seus próprios direitos - defende os direitos elementares do homem. (1)

O 3º aspecto desta referência ao mundo, deste desejo de transformação e progresso do mundo na sua fisionomia humana e social, parece-me ser o entendimento do movimento da história,...

Ao mundo em marcha de que nos falou o P. Henry, a Igreja não opõe travão sistemático por desconfiança desse mesmo movimento.

É certo que a Igreja tem consciência da ambivalência fundamental do mundo e do seu processo histórico. A Igreja sabe que às leis do mundo físico e do mundo social se sobrepõe em constante dialéctica o facto do pecado e o facto da Redenção.

Mas esse reconhecimento da ambiguidade do mundo não é motivo para essa rejeição. É motivo, pelo contrário, para levar a Redenção às condições de uma eficácia humana máxima.

Nem resistência a todo o custo à marcha do mundo nem tão pouco uma utopia sobre o mundo e um suposto angelismo na sua evolução. Como dizia o Cardeal Montini aos seus padres, "a nossa reforma deve consistir não a dar prova de indulgência para com o género de vida do mundo, como se nos devêssemos tornar um sal insípido, incapaz de provocar reacções fortes e salutares, mas a afirmar vigorosamente a nossa forma de vida original e autónoma, tal como brota do Evangelho e da interpre-

tação concreta que nos dão a experiência ascética e o ensino da Igreja." (1)

Como vai exprimir-se no desenvolvimento do Concílio a referência da Igreja ao mundo é ponto sobre o qual só podemos fazer conjecturas. É certo que os títulos dos 12 esquemas enviados aos Padres Conciliares (da Revelação, da Igreja, da Virgem Maria, mãe da Igreja, dos Bispos e regime diocesano, das Igrejas orientais, do ecumenismo, dos clérigos, do estado de perfeição, do apostolado leigo, do cuidado das almas, da formação dos seminaristas, das escolas católicas) não contém explicitamente essa referência ao mundo. Mas, desde que sejam elaborados e discutidos na perspectiva da missão mundial da Igreja, responderão já, de forma nova, à expectativa inconsciente do mundo.

Na referência ao mundo, a Igreja do nosso tempo apercebe-se daquela situação de que falava o P. Henry - a Igreja está situada num mundo que é todo ele terra de missão, no emaranhado dos espaços humanos desconhecem Cristo e que criam permanentemente à Igreja uma situação de diáspora.

Como o demonstrou Karl Rahner. (1) essa situação de diáspora era, de certo modo, inerente à história da Salvação, mas só no nosso tempo ela aparece em toda a sua nitidez. É no nosso tempo que a Igreja se vê progressivamente despojada da sua influência no tempo e - o que é ~~xix~~ mais importante - toma nova consciência de tipo de relação que deve ter com o temporal.

Na verdade a Igreja em diáspora é uma Igreja humilde que se sabe continuadora da missão do servo de Yahvé, é uma Igreja cuja promessa de fecundidade atinge uma altura inegalável. É que nela a vida da graça não é um condicionalismo sociológico imposto de fora (não digo por leis mas por hábito ou rotina) mas uma escolha eminentemente pessoal, uma verdadeira conversão da Fé. Assim, a Igreja não será uma realidade estabelecida, aparecendo aos olhos dos homens como independente deles, já feita e perfeitamente organizada, mas será, em certa medida, feita pelos homens e exigindo-lhes todo o seu compromisso responsável. A Igreja que lucidamente se sabe Igreja em diáspora não procura a todo o custo reconstituir uma etapa histórica já ultrapassada - a etapa da civilização cristã - mas abre-se a todos os valores válidos da cidade dos homens, tal como o mostra João XIII na encíclica "Pacem in terris" cujo significado neste período intermédio das duas sessões do Concílio constitui uma verdadeira lição de pastoral para todos os cristãos. Como o mostrou o Cardeal Feltrin, numa conferência realizada a 10 de Maio em Paris sobre a encíclica, " é uma verdadeira novidade ver o chefe da Igreja convidar assim toda a assembleia

(1) Doc. Cath. 18 Ag.63, 1090

(2) Rahner, Mission et Grâce 1961, Ed. Marne





cristã a unir-se dentro de si própria e a associar-se ao mesmo tempo, àquelles que não partilham a nossa Fé ou que não a partilham inteiramente." (1)

Com efeito, a Igreja de hoje é uma Igreja aberta a todos os homens de boa vontade e desejosa de estabelecer com eles um diálogo simples e directo. Nos últimos meses, quer no Pontificado de João XIII, quer já no Pontificado de Paulo VI homens de todos os sectores da vida contemporânea - política (Uthant), social (Kennedy), cultural - passaram pelo Vaticano. Tenhamos, porém, o cuidado de não julgarmos tais factos segundo um critério desactualizado - o do prestígio de uma Igreja a quem os homens prestam homenagem. Não é esse o significado de tais factos - a Igreja em diáspora está em diálogo com todos os homens, com todos os mundos em que está mergulhada e estará cumprindo a sua missão, não sem se impuzer como poder mas se se tornar amada, por reflectir, em toda a sua pureza, a imagem de Cristo que os homens inconscientemente procuram.

É neste sentido que a Igreja nos aparece como "francamente orientada para os não cristãos.". Aquilo que era uma exigência teórica da situação de diáspora, torna-se com o Concílio um imperativo de vida. Na verdade numa Igreja em constante confronto com o mundo, o espírito de ghetto ou de clan é intolerável. Por muito agradável que seja os irmãos estarem juntos, não é nesse encontro que a Igreja tem o seu objectivo. Ela está no mundo para converter o mundo. "Que eles sejam um como Tu, Pai, és em mim e eu em Ti; que eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste." Jesus Cristo não disse que fôssemos um para assim nos ampararmos mutuamente, muito menos para que desaparecesse de nossas vidas os conflitos e vivêssemos no a sialho da nossa intimidade de cristãos... Não: Cristo disse "para que o mundo creia que tu me enviaste". O imperativo da conversão do mundo exclue o espírito de ghetto - a entrada na intimidade do Deus vivo nada tem de comum com um club ou com uma associação secreta com santo e senha...

Por outro lado - e positivamente - esse imperativo significa a missão incorporada de forma bem concreta ao próprio ser da Igreja, dinamizando-a por dentro, num esforço constante de conversão ao Evangelho, dos mundos com que a Igreja está em contacto.

Nesta incorporação da missão ao ser da Igreja, não se tem em mente apenas a missão no sentido amplo, mas também no sentido restrito de anúncio da Palavra a quem ainda não conhece Cristo. E é certo que certos espaços geográficos põe ainda problemas específicos à Igreja, problemas que estão bem longe de uma resolução total.

Dizia o P Congar numa crónica do Concílio, que é indispensável que, do mesmo modo que declinamos os verbos na 1.^a, 2.^a, 3.^a pessoas do singular e do plural, a Igreja se habitue a declinar todos os seus problemas em termos africanos, asiáticos, latino-americanos... Ainda recentemente os seminaristas do Seminário Maior de Tóquio repunham o problema da formulação do cristianismo em categorias mentais ou filosóficas acessíveis à cultura japonesa. Não se trata de pequenas adaptações de pormenor que um equilibrado bom senso ou o sentido justo do essencial, e do secundário podem facilmente resolver. Trata-se de uma questão muito mais profunda na qual certamente toda a Igreja está empenhada. A missão específica e

(1) Doc. Cath. 2Jun.63, 747.

concreta em regiões onde a catolicismo é minoria (50000 católicos em 90 milhões de habitantes no Japão) não é assim só um problema dessa minoria ou só de especialistas... é um problema de toda a Igreja, é um problema de dimensão mundial.

Uma visão dinâmica de todo o ser da Igreja obriga a integrar na sua vida íntima, não como simples consequência ou apêndice, mas como "sua dimensão interna, coextensiva a todas as suas actividades, a função missionária."



IV. O Concílio, rejuvenescimento da Igreja.

Mas não só se manifestou a juventude da Igreja na sua dimensão de comunhão escatológica presente no mundo. A instituição Igreja foi sujeita a verdadeiro rejuvenescimento.

E é sem dúvida, neste aspecto, que mais sensíveis somos habitualmente aos sinais de juventude.

É cedo ainda para se fazer o balanço da renovação que percorre a Igreja e do que ela significa na vida quotidiana de todos nós.

Há porém, aspectos que se imprimiram durante a 1.ª sessão e que, por corresponderem a um longo processo de gestação que no seio da Igreja vinha tendo lugar desde há anos, imediatamente apareceram em toda a sua pujança. Referirei apenas dois:

o primado da Pastoral

O primeiro aspecto que dominou, por assim dizer, todo o clima da primeira sessão do Concílio foi o primado da Pastoral. Que quer isto dizer? Perante um mundo que progressivamente se separa da Igreja, foi se sentindo nos últimos decénios a necessidade urgente de descobrir a forma de anunciar a Palavra de Deus. Cresceu assim, gradualmente, numa Igreja institucionalizada, quando não instalada, uma nova urgência apostólica, uma saudável inquietação pelo mundo não-cristão. Repensaram-se em novos termos os métodos catequéticos, com grandes realizações como o Lumen Vitae em Bruxelas, o Curso do Instituto Católico de Paris. Desenvolveu-se a sociologia religiosa, com os trabalhos da equipa de Economia e Humanismo, animados pelo P. Lebreton, com o estudo do Côn. Boulard em França ou do Abbé Houart na Bélgica. Procuravam-se novas formas de contactos com os mundos, os espaços humanos não-cristãos, através de experiências e realizações inteiramente novas.

Tudo isso correspondendo a um mesmo pulsar da Igreja inteira, a uma preocupação dominante de encontrar as condições eficazes de evangelização.

Esta preocupação está presente em todos os trabalhos do Concílio. Não vemos a Igreja movimentar-se numa esfera de prestígio, poder ou influência. Estão ausentes do Concílio todos os complexos de agressividade

que foram o fruto da apologética e do proselitismo. Não deslumbram tão pouco a Igreja em Concílio as grandes definições doutrinárias, embora sejam requeridas, e devam ser, a seu tempo, elaboradas.

O que verdadeiramente dinamiza e anima a Igreja em Concílio é a possibilidade de levar aos homens concretos de hoje, em meio de suas âncias, suas interrogações, seus problemas, uma Fé forte, humanamente acessível e apetecida, capaz de lhes dar as respostas que procuram e de lhes encher o coração.

Seria interessante aprofundar este sentido de pastoral para vermos que exclui todo o oportunismo ou minimização dos dados da Revelação e do Magistério. Pelo contrário numa Igreja orientada pelo primado da pastoral e tendo necessariamente nas suas formas e expressões uma extrema maleabilidade o conhecimento e aprofundamento da Palavra de Deus tornam-se infinitamente mais necessários. Como adaptar sem saber o que é susceptível de adaptação e o que o não é? Como inovar sem saber distinguir o que é a "poeira imperial" a sacudir e o que é a lenta pedagogia de Deus a servir-se da história e dos factos para nos aproximar do seu coração? Como ter para cada homem, cada grupo, cada situação, a forma adequada de diálogo que convide à conversão sem ter apreendido o cristianismo como centrado no facto ~~único~~ único da Morte e Ressurreição de Cristo e ser assim capaz de "contar" esse facto das mil e uma maneiras que a vida sugere?



importância dada à liturgia

Fundação Cuidar o Futuro

Um segundo aspecto marca no Concílio a juventude da instituição-Igreja: a prioridade dada ao que é essencial na vida da instituição que detem os meios da salvação, i.e., a própria fonte desses meios de salvação - a Liturgia.

Muito se tem escrito nos últimos anos sobre o carácter e o lugar central da acção sagrada na vida da Igreja, mas estamos ainda longe de compreender o seu inteiro significado. Nomes como Guardini, Boyer, as equipas dos Cahiers de la pierre qui-vive ou da Maison-Dieu têm agitado toda uma renovação no entendimento da acção sagrada... Na verdade se tudo no Catolicismo gira à volta de um facto - a intervenção de Deus na História pelo seu Filho Morto e Ressuscitado - nada poderá haver de mais importante na vida da Igreja do que a actualização desse Mistério, ao mesmo tempo antecipação da vinda final e gloriosa de Cristo.

O Cardeal Montini explicava assim aos seus diocesanos a prioridade da Liturgia na ordem de trabalhos do Concílio: "trata-se de um testemunho magnífico da prioridade da Liturgia, quer dizer a prioridade que o culto a Deus e a união com Cristo devem ter na vida humana, especialmente na vida católica." " Trata-se da relação do homem com Deus. Trata-se da expressão concreta da vida religiosa. Trata-se de uma actividade que diz respeito à Fé, alimenta a esperança, traduz a caridade em palavras e em gestos e, desse modo, engloba as virtudes teologais, uma actividade que põe a hierarquia sacerdotal no exercício das suas funções e torna responsáveis todos os fiéis, individual e colectivamente."

E o grande Bispo de Milão, hoje Paulo VI, não hesita em tirar as conclusões imediatas, de tal modo elas são requeridas por uma Igreja em renovação: "A nossa primeira reforma deve ser esta: pôr o maior cuidado sob todos os aspectos, na celebração e na participação da missa dominical.

Ela é a expressão normal e central da nossa religião, a fonte mais fecunda e mais preciosa da nossa espiritualidade; é o estímulo mais eficaz para a nossa consciência cristã inferior e a tarefa mais bela que se oferece à nossa vida social comunitária."

Poderá parecer a alguns tarefa superficial ou de poucas consequências. Mas, mergulhando a fundo nas riquezas da vida litúrgica, ganhar-se-á uma inteligência das coisas e do mundo, aquela sabedoria e aquela Fé que é capaz de "ver" a desenrolar-se no tempo o próprio Plano de Deus.

V. O "homem novo".

Que significa este desabrochar da juventude da Igreja para todos nós cristãos?

Se apenas encaramos a Igreja como uma instituição (divina embora mas instituição) e se somos seus filhos fiéis, teremos naturalmente o desejo de seguirmos até ao fim todas as consequências dos novos rumos que toma em nosso tempo a Igreja. Isso é certo e louvável, mas é pouco, é ainda pouco.

É que a repercussão da juventude da Igreja em nós não pode ter apenas um significado legalista, jurídico. O seu significado situa-se no domínio religioso que transcende o plano institucional. Se para nós a Igreja é o Povo de Deus, se nos sabemos membros desse Povo, então a juventude da Igreja será também a nossa própria juventude. Na medida em que é obra dos homens, nós faremos a juventude da Igreja. Em outros termos: seremos o "homem novo", que há-de nascer de novo para a Fé. Faremos em cada momento a pausa para escutar o Espírito, o esforço para lhe ser fiel, e em nós operar-se-á então aquela conversão do coração pela qual tem de passar, para ser real a conversão do mundo moderno.

Seremos cristãos em constante processo de maturação na nossa busca de unidade, (interior e de relação com outros) na afirmação da nossa responsabilidade adulta dentro da Igreja (pelo estudo sério, pela reflexão pelo constante contacto com as fontes da vida e do pensamento cristão), na tomada de consciência pessoal de uma Igreja toda ela missionária, na vivência cada vez mais intensa e mais aprofundada dos Mistérios de Deus em acção no meio de nós...

Então como David poderemos cantar no salmo 102,5 os benefícios do Senhor "que enche de bens a nossa existência e que renova a nossa juventude como a da águia".

Então poderemos esperar sem apreensão nem receio a brisa da primavera que o Concílio trazer, porque já no nosso coração terá começado o mesmo crescimento a mesma lenta evolução e cada um de nós poderá dizer com Fernando Pessoa, o que vier não será maior do que a minha alma..."

Então poderemos olhar o mundo, estar nele, dialogar com ele, de forma intensamente dinâmica e transformadora porque teremos percebido qual é, no Plano Redentor de Deus, o significado do movimento da história...

Então - e termino - poderemos entrar no coro de toda a Igreja no Hino que canta a sua própria juventude, na expressão poética da escritora alemã Gertrude von le Fort:



HINO À IGREJA

de Gertrude von Le Fort

Tenho ainda no meu braço flores selvagens, tenho ainda os cabelos molhados do orvalho matinal dos vales primitivos.

Conheço ainda as orações que a campina escuta, sei ainda como se acalmam tempestades e como se benze a água.

Trago ainda no meu seio os segredos dos desertos, trago ainda sobre a minha frente os sistemas cheios de nobreza dos pensadores antigos.

Porque sou Mãe de todos os filhos da terra: que tens tu de me insultar, ó mundo, por eu ousar ser grande como meu Pai celeste?

Olha, em Mim ajoelham-se povos que há muito desapareceram, e da minha alma muitos pagãos caminham resplandecentes para a eternidade!

Eu estava escondida nos templos dos seus deuses, estava obscuramente nas máximas dos seus sábios.

Estava nas torres dos seus observatórios, estava com as mulheres sós sobre as quais soprava o Espírito

Era o desejo de todos os tempos, a luz de todos os tempos, sou a plenitude dos tempos.

Sou o que os reúne, o seu grande traço de união, sou a sua juventude eterna.

Sou o ponto de convergência de todos os seus caminhos, é em Mim que os anos sem fim avançam na sua marcha para Deus.

